



EXPOSIÇÃO

UMA BRITÂNICA A PENSAR NA ARQUITETURA DE LISBOA

Beatrice Galilee tem 31 anos e foi escolhida para curadora-geral da Trienal de Arquitetura de Lisboa, que começa no próximo dia 12 e vai até 15 de dezembro. O perfil de uma arquiteta que até já foi jornalista.

TEXTO DE **BÁRBARA CRUZ**
FOTOGRAFIA DE **GERARDO SANTOS**/GLOBAL IMAGENS

No início de agosto, a britânica Beatrice Galilee aterrou na capital lisboeta para ficar até ao final de dezembro. Depois de incontáveis voos entre Portugal e o Reino Unido, na reta final de um trabalho de cerca de dois anos a preparar a Trienal de Arquitetura de Lisboa, que começa dia 12 e dura até dezembro, estabeleceu-se finalmente no Palácio Sinel de Cordes, no Campo de Santa Clara, mesmo de frente para os vendedores da Feira da Ladra que, dois dias por semana, lhe instalam bancas improvisadas à porta.

O edifício, que hoje é sede da Trienal, foi morada da nobreza do século XVIII, sobreviveu a um incêndio e foi até adaptado para escola. Desde 2006 que estava fechado até que a Trienal o redescobriu e fez dele a sua casa. Entretanto, quer consolidá-lo como polo criativo. É lá que trabalha Beatrice, a estrangeira que veio de Londres para

pensar a arquitetura com os portugueses – a terceira, que tem início a 12 de setembro e termina a 15 de dezembro. Orgulhosa, enumera os países de onde tem recebido contactos a confirmar presenças em Lisboa, de Israel à Noruega, Rússia, Canadá ou Filipinas.

Beatrice não chegou aqui por acaso. Candidatou-se ao «emprego» de curadora-geral da Trienal e foi a escolhida pelo júri, selecionada entre outras. Porquê? Ri-se e dispara em voz baixa – em português, mas sem disfarçar um fechado sotaque britânico: «Provavelmente, porque era a mais radical.» Talvez o júri tenha levado em conta também, acrescenta, o facto de ser bastante jovem. Tem 31 anos, mas foi há dois que decidiu submeter a candidatura para coordenar este projeto que articula exposições, debates e *performances* em diferentes espaços de Lisboa: o Museu da Eletricidade, o Palácio dos Carvalhos, o MUDE e a Praça da Figueira. Os restantes

curadores que fizeram equipa com Beatrice – Mariana Pestana, Liam Young e Jose Esparza – foram opção dela, foi ela que os convidou pedindo-lhes uma candidatura com ideias para trabalhar em Lisboa, sem lhes dizer que o lugar já era deles.

Por ser estrangeira, admite que redobrou esforços na pesquisa e no estudo da cidade, que conhecia da primeira edição da Trienal, em 2007. Nessa altura, veio como jornalista da *Icon*, publicação especializada em arquitetura e onde desenvolveu um trabalho que lhe valeu o prémio de melhor jornalista da área em 2008. No dia em que chegou, o Parque das Nações foi a primeira zona da cidade que viu. Só mais tarde descobriu a alma de Lisboa. «Era uma loucura, ninguém ia dormir, saímos até às seis da manhã», recorda.

Quando foi divulgado, através dos canais do meio, que a Trienal ia ter uma terceira edição e estava novamente à procura de liderança criativa, recebeu «oitto ou dez e-mails» no mesmo dia com essa informação, porque os colegas e amigos decidiram que ninguém como ela tinha as ferramentas para fazer um bom trabalho em Portugal. Foi tudo em 2011, quando estava em Gwangju, na Coreia do Sul, onde era curadora da Bienal de Design dirigida por Ai Weiwei e Seung H-Sang. Os prazos eram coincidentes, e também estava a trabalhar na tese de mestrado. «Foi muito intenso, tudo ao mesmo tempo. Mas consegui enviar a candidatura, fiz um intervalo quando regressiei da Coreia e pouco tempo depois estava em Lisboa para a entrevista. Foi muito rápido», assegura.



Beatrice também já trabalhara em Pequim, tendo sido convidada para curadora europeia da Bienal de Shenzhen-Hong Kong, de Arquitetura e Urbanismo, em 2009. Vivera na China, na Coreia e também passou por Berlim, que trocou pela Londres natal quando foi desafiada por amigos arquitetos a regressar a casa, para transformar a cave escura de um restaurante em galeria para exposições e debates. Chamaram-lhe The Gopher Hole.

A crise não a demove porque, sublinha, «a produção de cultura não tem de assentar em subsídios do Estado, embora ajudasse, certamente». Tem ideias definidas também no que diz respeito à arquitetura, que estudou a fundo – tem diploma em Arquitetura e mestrado em História da Arquitetura – mas sem ideias de vir a exercer a profissão propriamente dita. «Decidi cedo que não queria ser arquiteta. De certo modo, estava demasiado interessada em arquitetura para o ser. Era demasiado banal ser a pessoa que faz os desenhos e projeta as casas de banho», esclarece, perdendo o tom provocatório com que iniciara a frase.

Diz que a arquitetura, tal como a economia, tem ciclos, altos e baixos, ganha e perde proeminência. A recessão que atravessamos, garante, ajuda as pessoas a reagir, a ter opiniões. «A arquitetura pode e deve ter uma voz», repete. Com *Close, Closer*, o nome com que acabaria por batizar o seu projeto para a Trienal (todo o programa está em www.trienaldelisboa.com), propõe precisamente que a arquitetura se faça ouvir, que entre nas conversas, mas com «as pessoas certas». Porque é preciso que os arquitetos deixem de falar apenas entre eles e se dirijam aos políticos, aos economistas, aos banqueiros, às «pessoas que importam e podem fazer a diferença» nos dias de hoje.

É uma imagem da arquitetura do tempo que corre que Beatrice quer apresentar nesta edição da Trienal: não faz sentido voltar ao passado, é preciso pensar no presente para projetar o futuro. Esta arte, explica, tem de ser «menos sobre a cor de que queremos pintar a parede e mais sobre como queremos que este edifício seja no futuro, como queremos que mude e que decisões podemos tomar, enquanto arquitetos, para que essa mudança possa acontecer», resume. ●